

O CÂNCER NA LÍNGUA DELES: MEMÓRIA PORNOGRÁFICA LGBT DA EPIDEMIA DE HIV/AIDS

Remom Matheus Bortolozzi

Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, remombortolozzi@gmail.com

Resumo

O presente trabalho afirma a proposta de incluir a memória LGBT brasileira dentro do paradigma da prevenção combinada. Temos como escopo elaborar um levantamento de corpo documental LGBT da epidemia de hiv/aids a fim de tecer possíveis itinerários de pesquisa e adensamentos. Seguimos especificamente via a imprensa homoerótica brasileira num esforço de construir novas memorializações da resposta. Abordamos em especial os primeiros anos da epidemia, desde sua eclosão no início da década de 1980 até a metade da década de 1990 com a chegada dos antirretrovirais. A partir da análise documental podemos identificar o esforço de registro, documentação e circulação de informações acerca dos impactos da estigmatização recaída sobre as comunidades LGBT brasileiras, bem como respostas sociais, epistemológicas e estéticas que essas comunidades produziram. Dentre as inúmeras lacunas ainda não adentradas da memória LGBT, a pornografia homoerótica traz capítulos ainda pouco contados e a partir de uma posição singular.

Palavras-chave: Memória LGBT, hiv/aids, prevenção combinada, pornografia.

INTRODUÇÃO

Ainda não foi garantido às comunidades LGBT brasileiras o reconhecimento dos danos simbólicos e psicossociais sofridos e nem reparação da imagem das LGBT que faleceram nos primeiros anos da epidemia de hiv/aids no Brasil. Esse reconhecimento e reparação são imprescindíveis para engendrar uma memória comunitária sobre a aids no Brasil, permitindo que jovens LGBT se conectem a sua história e o acesso a essa memória¹ possa ser subsídio para estratégias de prevenção combinada para o enfrentamento comunitário ao atual cenário da epidemia brasileira. Esse esforço também se conecta a uma compreensão de enfrentar o processo de desperdício da experiência das respostas à epidemia (SEFFNER & PARKER, 2016; PARKER, 2016).

O presente artigo tem como escopo elaborar um levantamento documental LGBT da epidemia de hiv/aids a fim de apontar possíveis itinerários de pesquisa e adensamentos. Dentre o

¹Os debates sobre a memória das comunidades LGBT são extremamente recentes. O debate sobre as relações entre memória e justiça ganhou força na última década com a abertura dos arquivos da ditadura militar brasileira, período marcante em violações de direitos humanos por parte do Estado, abrindo espaço para o debate sobre o direito à verdade e a uma justiça de transição. Uma transversalização desse debate com a questão das violações de direitos sofridas pela(s) comunidade(s) LGBT durante esse período foi sistematizada em uma obra chamada *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*, organizada por James Green e Renan Quinalha (2014).

vasto celeiro de produções culturais LGBT, adentraremos na imprensa homoerótica brasileira num esforço de construir a memorialização da resposta, em especial dos primeiros anos, desde sua eclosão no início da década de 1980 até a metade da década de 1990 com a chegada dos antirretrovirais.

Em meio à sacanagem, nossa memória...

As produções culturais das comunidades LGBT brasileiras têm expansão e mudança significativa a partir da década de 1960 e, em especial após o *desbun guei* e a organização do movimento homossexual durante a década de 1970 (TREVISAN, 2000; GREEN, 1996). Por diversas vias, seja estética e/ou mercadológica, nossa batalha cultural criando “maneiras de ler, interpretar, viver a Vida no Mundo” (CORREA, 2015) se expressou nas mais diversas produções. Dentre elas, a imprensa gay ou LGBT no Brasil tem especial destaque, principalmente na produção e circulação dessas culturas dentro das comunidades. Desde o *Snob*, em 1963, inúmeras publicações criaram nosso imaginário, debateram e trouxeram diálogos a questões que atravessam as pessoas LGBT (PÉRET, 2012). Algumas tiveram especial destaque, como o jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981), que inovou em sua forma irônica e densa de crítica política que reivindicava a positividade da construção da identidade gay (PERET, 2012) e a revista *Rose* (1979-1983), que trouxe de forma inédita a estética homoerótica do nú masculino (LOPES, 2011).

Nosso itinerário em busca da memória LGBT da epidemia de hiv/aids adentrando a pornografia homoerótica encontra seu início em ecos dessas publicações. A primeira, em 1982, no jornal *Homo Pleigui*, anunciado por seu editor Aguinaldo Silva, na capa da primeira edição, como o filho do *Lampião*. Na terceira edição desse jornal, na Coluna *Entreguei de Scarlet Punk*, a aids, que só seria nominada e trazida ao grande público pela mídia no Brasil com a morte de Markito em 1983, é nomeada como o *Câncer na língua deles* (Figura 1). Criticando ironicamente a associação estigmatizadora entre doença e orientação sexual, a coluna questiona por que a ciência, calcada em comportamentos heterossexuais, não cria hipóteses de o “heterossexualismo dá(r) câncer”. As absurdas hipóteses de causas como “o abuso de sêmen”, já associando homossexualidade e promiscuidade, são *gongadas*, buscando esfumaçar as barreiras tão estanques do que se consideram

divisores de práticas e culturas sexuais: “Só existe derramamento de sêmen em relações homossexuais? Ou esses cientistas fazem parte do exército de Anita Bryant e da Dina Sfat?²”.

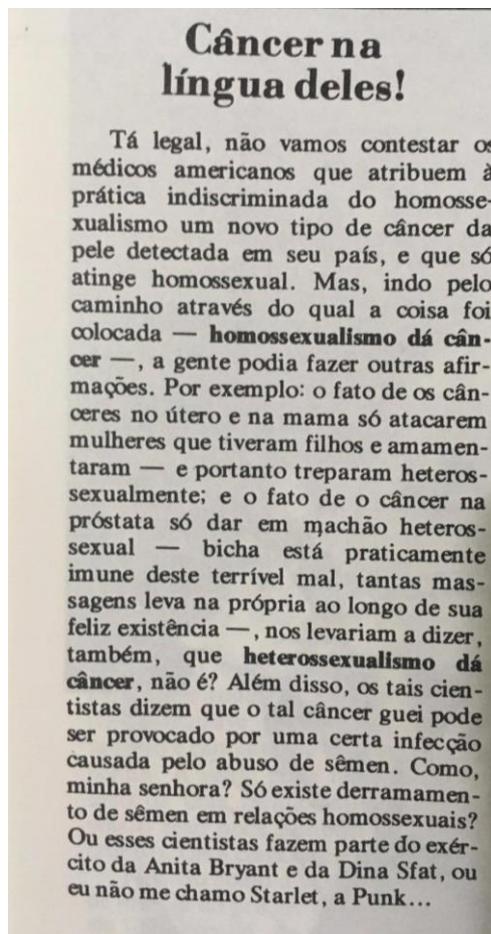


Figura 1 - Coluna Entreguei – Scarlet Punk - Jornal do Homo Pleigui Ed.3, 1982, p. 12

Nesse mesmo ano, a edição 77 da revista *Rose*, na *Coluna Confidências* (Figura 2), trazia uma carta perguntando sobre “a doença misteriosa associada aos homossexuais”, questionando essa como uma estratégia ofensiva contra a liberação sexual e o Poder “guei”. Ainda com poucas informações, a sexóloga Nina Folk, responsável pela coluna, desmistifica o equívoco de associar essa doença apenas aos homossexuais, baseando-se nas pesquisas de Kinsey e afirmando que homossexuais não fazem práticas sexuais apenas entre si. Porém, nessa coluna, ainda havia hipóteses associadas entre a doença e a promiscuidade, liberação sexual e sexo anal.

² Anita Bryant é uma reacionária ativista anti-gay estadunidense e Dina Sfat é uma atriz brasileira que em 1981 criticou os gays e previu que o verão de 81 seria predominantemente hétero, sendo considerada a inimiga n.1 dos homossexuais e chamada de “Anita Bryant dos Pobres” (ROSE, n.70, 1982, p.5)

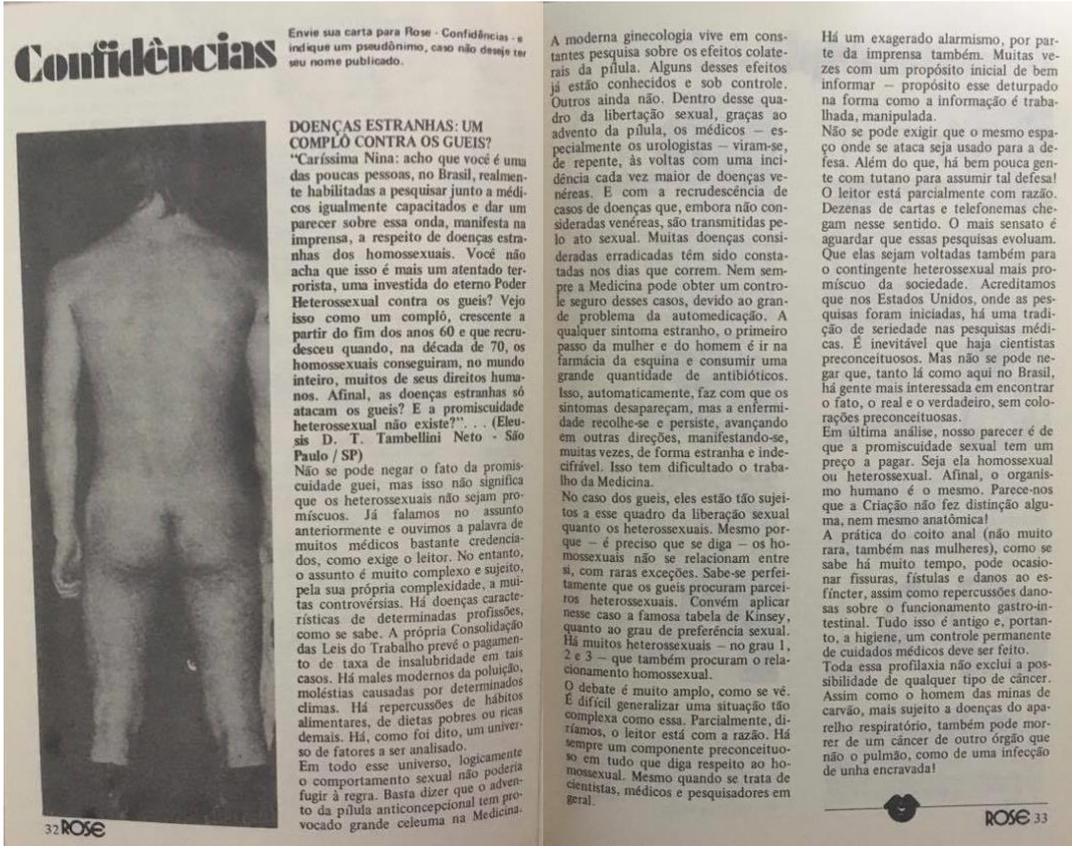


Figura 2 - Revista ROSE, n. 77, 1982, p.32-33

Em 1983, a edição 80 da revista *Rose* anuncia na mesma coluna, agora nomeada *Onda da AIDS* (Figura 3), convocando as comunidades à discussão e à participação. A coluna traz três cartas pedindo maiores esclarecimentos da propagandeada “Doença Guei” ou “Peste Guei”. Além disso, elas denunciam o sensacionalismo da imprensa brasileira numa campanha difamatória aos gueis. As cartas também apontam para o acompanhamento da comunidade guei brasileira. Dentre elas, uma relata a teorias de ativistas homossexuais estadunidenses nas quais dizem que a aids seria uma forma de acabar com o poder homossexual, mostrando a circulação internacional de informações sobre a epidemia. Por fim, a última carta é de um médico homossexual que afirma a aids com uma doença não é tão nova assim, mas ao passo que é classificada como “doença homossexual”, o preconceito se torna a “verdadeira peste”. A resposta da colunista desmistifica essa correlação entre a doença tanto em relação à homossexualidade quanto à promiscuidade. Além disso, Nina critica a busca da origem da doença, associando esse exercício com o moralismo. Citando Darcy Penteadado, a colunista alerta “Não podemos ser iscas do moralismo”. Além disso, ela também adverte do risco da

associação do estigma em relação ao preconceito racial, trazendo o que ocorria nos Estados Unidos em relação aos negros e porto-riquenhos.



Figura 3 - Revista ROSE, n. 80, 1983, p.32-33

O importante a se destacar aqui é que ambas as publicações agem de forma a esclarecer, circular informação, debater e buscar posições de dentro das comunidades LGBT brasileiras. Além disso, vale salientar que as publicações pornográficas realizam esse diálogo de forma singular dentro das estéticas das culturas LGBT, como a gongação na *Pleiguel* e a homoerotização na *Rose*, onde a orientação sobre a AIDS é acompanhada por fotos de homens nus e em práticas homoeróticas.

Diversos estudos, como o de Flávia Pérez (2011), sobre a imprensa gay destacam que a epidemia de hiv/aids mudou o modelo como essa imprensa vinha produzindo na década anterior, passando as comunidades a publicarem em boletins de ONGs que combatiam a epidemia, com exceção do jornal *Chana com Chana*, até ressurgiram na segunda metade da década de 1990. Embora a eclosão dos boletins tenha tido especial relevância na história LGBT da epidemia, a imprensa gay, em especial a pornográfica, mesmo com circulação menor continuou a produzir seus jornais e revistas. O apagamento dessa produção é expresso na carência de pesquisas sobre a

pornografia homossexual desse período. Por meio de pesquisa documental em publicações como o *Jornal Marilyn Monroe* (1986), *revista Narciso* (1987), *Revista Spartacus* (1987-1990), *Revista Anjo* (1991), *Revista Gato* (1993-1994) e *Revista Alone* (1991-1994), juntamente com o *Jornal Homo Pleigui* e a revista *Rose*, podemos perceber o como a pornografia homoerótica³, que abarcam de 1982 até 1994, também foi meio de circulação e debate das comunidades LGBT brasileiras e criação coletiva das respostas trazendo singularidades de posições e estéticas LGBT. Procuo nessa lacuna de investigação novas possibilidades de historiografias LGBT da epidemia.

O atravessamento da aids nos corpos, geografias, espaços, comunidades e culturas LGBT é inegável. Em 1987, a *Revista Narciso* reflete sobre essas transformações nas práticas e culturas homossexuais no texto intitulado “O Gay hoje: O que mudou depois da AIDS?” (Figura 4). A reportagem nos trás pontos centrais para compreendermos os impactos do pânico ocasionado na epidemia: nas condutas sexuais; nos espaços de sociabilidade homossexual; na coesão e vínculo das comunidades LGBT; e, por fim, no movimento homossexual.

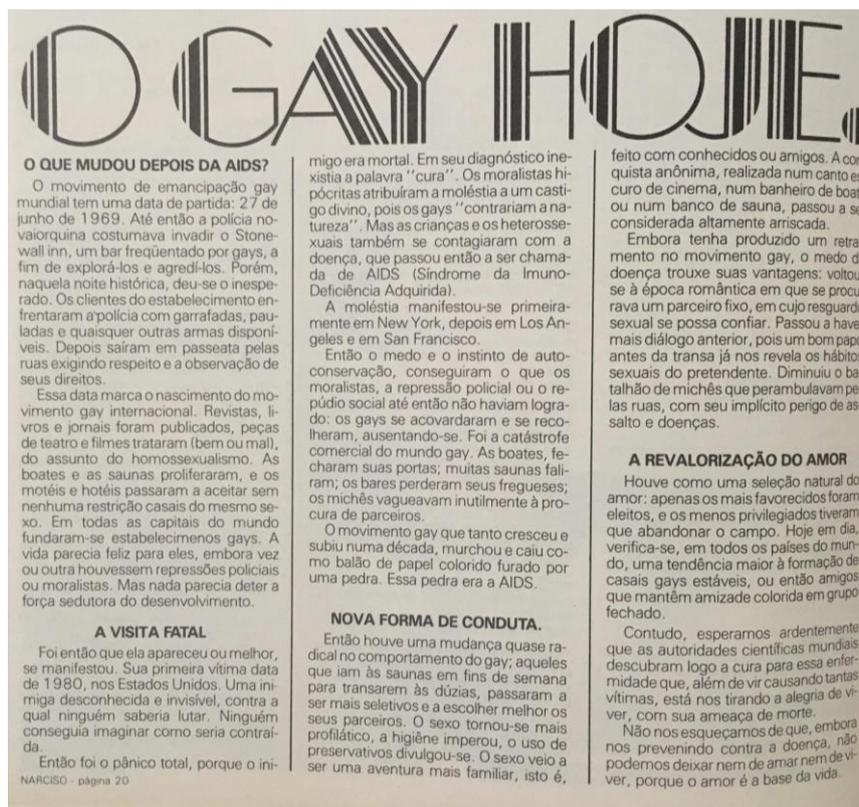


Figura 4 - Revista Narciso, Ed. 2, 1987, p. 20.

³ As edições dessas revistas e jornais são as disponíveis no acervo Bajubá: *Jornal Homo Pleigui* (1 e 3), *Revista Rose* (1 a 81), *Jornal Marilyn Monroe* (1 a 3), *Revista Narciso* (1 a 3), *Revista Spartacus* (1 a 17), *Revista Gato* (2, 5, 6, 8, 9, 10, 13), *Revista Alone* (1 a 30), *Revista Anjo* (4).

Ao passo que a epidemia foi associada ao moralismo, emergiu o sentimento de “medo e o instinto de autopreservação”. O impacto do pânico nas pessoas LGBT levou a profundas mudanças em suas condutas sexuais. São apontados, aqui, novos processos de seleção da parceria sexual, em torno de um discurso de sexo seguro, “profilático”, “higiênico”, “com uso de camisinha” e de forma mais “familiar” ou “com conhecidos e amigos”, com diálogo prévio em oposição ao sexo anônimo, da “pegação” ou com michês. A AIDS também trouxe metamorfoses no mercado sexual. Com o sexo explícito restrito a “alguns privilegiados”, a prática da masturbação aumentou nos banheiros, inclusive como prática que passa a ser mais procurada para serviço de michês. Ocorreram mudanças no mercado audiovisual pornográfico, com o uso progressivo de camisinha entre os atores, inicialmente apenas nas cenas homoeróticas com críticas da comunidade LGBT (Figura 5). Também é apontada, em matéria de 1986, como mudança positiva desse período a “parceria sexual fixa” dentro de um discurso de revalorização do amor. Por outro lado, na edição 15 da Spartacus de 1989, uma matéria intitulada “As Relações da Nova Década” (Figura 6) apresentou novos modelos de negociação em relações abertas, selecionando o uso do preservativo ou da posição sexual conforme quem é seu parceiro.



Figura 5 - Revista Alone, n.4, 1991, p.12; Figura 6 - Revista Spartacus, ed.15, 1989, p.13

Além do destaque a diversidade de produções de novas práticas e relacionamentos homoeróticos, as publicações pornográficas trazem também a orientação e discussão de pares sobre as vivências da sexualidade em época de AIDS, como viver com o vírus, contar sobre, se relacionar com pessoas soropositivas, isolamento, etc. Além disso, as produções acerca do sexo seguro e da solidariedade também aparecem expressivamente. Destaco em especial como o sexo seguro começou a ser vinculado em algumas publicações, a propaganda de camisinhas e brinquedos eróticos, associados a desenhos numa estética homoerótica próxima a *Tom of Finland*. Dentre os modelos que garantiam “100% de segurança”, o mercado gay de brinquedos eróticos fornecia diversos modelos de cinta camisinha conforme dimensão da neca/pênis como: “Normasil, Machosil, Propresil, Torasil e Destrosil” (Figura 7).



Figura 7 - Revista Gato, n.10, 1993, p.12

O impacto no imaginário social e de mudanças nas condutas e culturas sexuais trouxe uma “catástrofe comercial no mundo gay”. Progressivamente, espaços de sociabilidade, como boates, bares e saunas foram fechando suas portas e serviços de michê se tornaram menos procurados. Conforme a coluna sobre pegação no Rio e São Paulo, publicada na revista *Marilyn Monroe* de

1986, a redução na frequência nos espaços de sociabilidade ocorreu não apenas pelo medo do contágio da aids, mas também por uma onda de violência. Essa agressão contra homossexuais associada ao estigma do hiv volta a aparecer numa publicação da *Gato* em 1993, com um quadro que sintetiza a matéria: “Gay precisa de camisinha e colete à prova de faca”. Locais clássicos como a Avenida Ipiranga/São Luis, Cinelândia e Galeria MetrÓpole permaneciam mesmo nesse período como espaços de referência. Na edição posterior do mesmo jornal (ed.2, p.16), é reforçada a notícia que os estabelecimentos das comunidades homossexuais estavam fechando, com exceção daqueles que se especializaram em práticas sexuais seguras:

A promiscuidade era incrível e sansou-se um pouco o ambiente. Resistiram as mais saudáveis e sérias, ganhando com isto o público, que agora pode frequentar os ambientes com menor receio. Mas deve-se observar sempre, que todo o cuidado é pouco, pois os vírus e micróbios se escondem na penumbra. Nos bares, boates, hotéis e saunas, deve-se notar sempre se os copos ou panos estão devidamente esterilizados e deve-se exigir sempre a limpeza máxima. Não recomendamos que se frequentem hotéis ou saunas de baixa categoria, pois são um perigo!

A revista *Gato* (n.5, p.27) lançou em 1993 uma matéria intitulada *A nova geração de homossexuais brasileiros*, trazendo sua concepção de quem seriam os gays do início da década de 1990 após uma década da epidemia de HIV/AIDS:

Esta nova geração de gays dos anos 90 são mais comedidos, racionais, saudáveis e inteligentes. A maioria é linda, estudiosa, trabalhadora e frequentam os locais mais selecionados e inclusive os não-gays. Procuram relacionamentos estáveis e duradouros. São precavidos quanto à doenças e excessos, procurando cuidar do corpo como um templo. Já não mais dão bandeira como antigamente, pois o estigma da AIDS provocou profundas marcas na sociedade que rejeita o gay, influenciando em seu ambiente de trabalho familiar. A maioria tem consciência do que seja o espírito gay, mas preferem colocar a razão antes do que qualquer coisa. Já não buscam os prazeres pura e simplesmente, e preferem levar uma vida comum como qualquer pessoa.

O propagandeamento ostensivo dessa nova identidade gay está presente repetidamente em avisos presentes em diversas edições da Revista *Alone* na coluna de cartas *Comunique-Sex*: “AIDS: Uma sombra do mundo atual”; “CAMISINHA: O melhor amigo de seu bolso”; “AIDS: Quem dorme com qualquer um, pode acabar numa cama qualquer”; “AIDS: Faça sexo seguro”; “AIDS MATA: Escolha bem seus parceiros”; “A única vacina contra AIDS é estar bem informado”; “A AIDS Pode ser evitada, só depende de você”.

Dentro de uma dimensão comunitária, a banalização das mortes também foi enfrentada pelo exercício de preservação e solidariedade no registro de perdas. Dentre as nossas perdas comunitárias, os nomes das LGBT passam a aparecer nas colunas. A circulação de informações acerca das mortes inclusive internacionais, a redução da imagem de celebridades a sua orientação sexual e sua associação direta ao estigma da doença é notável. A morte de Rock Hudson gerou

diversas opiniões dentro das comunidades. O sensacionalismo midiático relacionado à sexualidade e ao falecimento do ator ecoou em debates na imprensa homoerótica abordando sua saída do armário, disputa de lucros em biografia e estigmatização de sua homossexualidade por parte da imprensa (Figura 8). Outra figura pública que trouxe debates dentro das revistas pornográficas foi Cazuzu (Figura 9). O armário de Cazuzu também é trazido à tona, porém, diferente de Rock Hudson, que foi criticado por ter saído, Cazuzu é reprovado por permanecer nele. A morte de Cazuzu também é motor para o debate sobre a situação da aids no país.



Figura 8 - Jornal Marilyn Monroe, ed. 2, 1986, p. 16; Figura 9 - Revista Spartacus, n. 17, 1990, p.3

A coesão comunitária também se intensifica na circulação tanto de notícias sobre inovações científicas e de tratamentos, em compartilhamento de informações de saúde e educação sexual, circulações das produções artísticas e culturais LGBT relacionadas à epidemia e na circulação de protestos e ativismo gay frente a sua estigmatização e de luta contra a AIDS. As mudanças nos espaços, corpos, condutas e coesões comunitárias também se expressaram em novas formas de organização políticas dos homossexuais. Algumas publicações, como a Spartacus, chegam a teorizar sobre as contradições entre moralismo e liberdade sexual e propor um manifesto pela estética como resposta a epidemia. Outra reportagem que expressa às transformações no ativismo homossexual e de combate a epidemia está presente na matéria “O Programa dos Presidênciaáveis para a AIDS” (Figura 10). Nela é apresentada a entrevista feita pelo GAPA (Grupo de Apoio ao

Portador de AIDS) aos candidatos à presidência das Eleições de 1989. A matéria é ilustrada de forma irreverente por meio de diversas marcas de preservativos, como alegoria de escolha daquele que mais se adapta às “demandas sexuais” dos eleitores.



Figura 10 - Revista Spartacus, n.13, 1989, p.14

Outra edição que traz nas páginas da publicação pornográfica questões políticas de gestão pública é a matéria “Telma de Souza: Prefeita de Santos”, trazendo uma entrevista com a então prefeita do município de Santos que adotou como controversa política de saúde a distribuição de camisinhas e seringas descartáveis. A participação do ativismo das comunidades LGBT também é apresentada na pornografia em citações de Organizações Não Governamentais (ONGs), como o GAPA, GIV (Grupo de Incentivo a Vida) e o Grupo Gay da Bahia e em lideranças não só gays, mas também travestis, como Brenda Lee.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as inúmeras lacunas ainda não adentradas da memória LGBT, a pornografia homoerótica traz capítulos ainda pouco contados e a partir de uma posição singular. Dentro do entre-lugar entre o político e o mercado, o conjunto documental possibilitou abrir um panorama de

itinerários historiográficos da epidemia de HIV/AIDS a partir dessa memória LGBT, desde os corpos, geografias, práticas, identidades, comunidades, culturas e políticas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, J. C. M. **O corpo imortal do poeta Luis**, 2007. Disponível em: <http://www.teatroficina.com.br/posts/126>. Acesso em: 15 de dezembro de 2015

GREEN, James N. **Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX** (Trad. Cristina Fino & Cássio Arantes Leite). São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LOPES, Charles Roberto Ross. Masculinidade em Rose: gays e efeminados/homens discretos. In: **MÉTIS: história & cultura** – v. 10, n. 20, p. 165-184, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/989/1070>. Acesso em: 26 de junho de 2017.

PARKER, Richard. A reinvenção da prevenção no século XXI: o poder do passado para reinventar o futuro. In: **Boletim ABIA n°61**, Dezembro de 2016, p.13-22.

PERET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2012.

SEFFNER, Fernando; PARKER, Richard. Desperdício da experiência e precarização da vida: momento político contemporâneo da resposta brasileira à AIDS. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 20, n. 57, p. 293-304, Jun. de 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832016000200293&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 de Junho de 2017.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.